

---

JOÃO ARRISCADO NUNES

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

---

## Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana (\*)

---

33

*A análise sociológica da vida quotidiana e a obra de Erving Goffman estão estreitamente associadas. Neste artigo, é discutida a relevância do principal trabalho de Goffman, Frame*

*Analysis, para esse domínio da sociologia e são apresentados, de forma breve e selectiva, a abordagem e os conceitos aí propostos.*

**A** abordagem sociológica da vida quotidiana está estreitamente associada ao nome de Erving Goffman. Ao longo da sua extensa obra e até à sua morte, em Novembro de 1982, Goffman procurou mostrar como os episódios triviais da vida quotidiana constituíam, não um domínio marginal reservado aos curiosos e diletantes, mas uma dimensão central da pesquisa sociológica. Como já notaram alguns comentadores, contudo, a obra do sociólogo canadiano tendeu a ser remetida para uma posição marginal em relação às principais correntes teóricas da sociologia (1). É certo que Goffman ocupou lugares de relevo no mundo

---

(\*) Os temas tratados neste texto foram objecto de uma primeira abordagem numa comunicação apresentada ao seminário "Modalidades do Conhecimento e Experiência da Vida Quotidiana", do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Clássica de Lisboa, em Abril de 1991, e posteriormente desenvolvidos no âmbito de um projecto de investigação entretanto concluído.

(1) A literatura secundária sobre Goffman e a sua obra é já considerável. Entre as contribuições mais interessantes encontram-se Dilton, 1980; Drew e Wootton, 1988; Joseph *et al.*, 1989; Burns, 1992; Clough, 1992. Para uma excelente biografia intelectual de Goffman, veja-se Winkin, 1988.

institucional da sociologia americana, especialmente como professor em Berkeley, até 1968, e de então até à sua morte na Universidade da Pensilvânia, em Filadélfia, tendo contribuído de modo muito significativo para a consolidação da dignidade institucional das concepções “soft” da sociologia perante a hegemonia do quantitativismo “hard”; é verdade, também, que influenciou decisivamente toda uma geração de sociólogos formados em Berkeley nos anos 60 e de cientistas sociais formados nos departamentos de sociologia, de antropologia e de comunicação da Universidade da Pensilvânia; e não podemos esquecer a influência que exerceu sobre o lançamento de publicações que contribuíram para a expansão e para o fortalecimento das chamadas sociologias qualitativas, como *Urban Life and Culture*, fundada em 1972, e rebaptizada, sucessivamente, *Urban Life* e (nome que conserva ainda) *Journal of Contemporary Ethnography*. É notório, porém, o facto de Goffman não ter deixado como legado uma “escola” capaz de justificar capítulos especializados em obras sobre teoria sociológica (contrariamente ao que acontece como o interaccionismo simbólico ou com a etnometodologia) ou discípulos reivindicando explicitamente a sua adesão a uma perspectiva “goffmaniana” sobre a vida social. A apreciação da obra de Goffman é feita, na maior parte dos casos, procurando “medi-la” em relação aos padrões identificados com ortodoxias teóricas estabelecidas — e incidindo, sobretudo, sobre os seus alegados defeitos, fraquezas e “maus exemplos” em termos de teorização e de prática de pesquisa<sup>(2)</sup> —, ou reconhecendo nela um repostório de ideias e perspectivas brilhantes, mas quase sempre insuficientes, superficiais ou erróneas.

Não deixa de ser curioso que — salvo algumas, nem sempre muito felizes, excepções — a generalidade dos críticos de Goffman e da sua obra tenham procurado identificar esta como uma manifestação idiossincrática da sociologia de Chicago do segundo pós-guerra, o exemplar porventura mais genuíno da corrente que viria a ser conhecida por interaccionismo simbólico, ou como o mais visível expoente de uma perspectiva “dramatúrgica” da vida

---

(2) Para uma interessante discussão destes aspectos, veja-se Williams, 1988. Embora Goffman não tenha escrito nenhum texto especificamente dedicado às questões de método, Lyn Lofland publicou, recentemente, a transcrição de uma intervenção numa mesa-redonda de sociólogos sobre a experiência do trabalho de campo que permite lançar alguma luz sobre as suas ideias nesse domínio (Goffman, 1989).

social<sup>(3)</sup>. Estas operações de “etiquetagem” impediram que a importância e a originalidade de Goffman como teórico fossem reconhecidas e levaram a que a obra que melhor revela essas características tenha sido concedida, até há pouco tempo, uma atenção escassa. Essa obra é *Frame Analysis*, publicada em 1974. *Frame Analysis* pode ser considerado, por um lado, como um dos mais importantes tratados teóricos produzidos no âmbito da sociologia e, por outro, como uma reflexão original sobre o próprio trabalho sociológico e, em particular, sobre a análise sociológica da vida quotidiana. No presente trabalho, procurarei, de modo necessariamente breve e seletivo, discutir as principais propostas e a importância da dupla contribuição de *Frame Analysis* para a literatura sociológica em geral e para a sociologia do quotidiano em particular<sup>(4)</sup>.

(3) O drama constitui, segundo Richard Harvey Brown (1977: 125-171), uma das “root metaphors” do pensamento sociológico — ou seja, uma das imagens centrais usadas pelos sociólogos para representar o mundo social —, juntamente com o organismo, o mecanismo, a linguagem e o jogo. *The Presentation of Self in Everyday Life*, de Goffman, é considerado, em geral, como o exemplar da concepção dramática da vida social. Essa obra foi largamente inspirada no “dramatismo social” de Kenneth Burke (Burke, 1989; Nunes, 1992a). Uma análise mais atenta da obra de Goffman permite verificar que os seus trabalhos que mais se aproximam da concepção dramática da vida social foram produzidos entre os anos 50 e o início dos anos 70; veja-se, em particular, Goffman, 1959, 1961, 1963, 1967, 1971, e o Capítulo 6 (“Theatrical Frames”) de *Frame Analysis*. Esta última obra, publicada em 1974, marca uma inflexão no sentido de um maior interesse por temas ligados à relação entre a interacção e a organização da experiência e antecipa a preocupação evidenciada por Goffman nos seus últimos trabalhos com a interacção verbal, aproximando-se dos temas tratados pela análise da conversação. *Forms of Talk* (Goffman, 1981b) e “Felicity’s Condition” (Goffman, 1983b) podem, aliás, ser lidos como respostas críticas aos trabalhos produzidos no âmbito dessa corrente. Alguns comentadores, como Winkin (1988: 20-21) e, sobretudo, Clough (1992: 94-112), sugerem que, mais do que a dramaturgia, foi o cinema que inspirou, em geral, a abordagem goffmaniana da vida social. Esta hipótese — que mereceria uma atenção mais demorada do que aquela que me é possível conceder-lhe aqui — parece particularmente pertinente quando referida a *Frame Analysis*.

As diferenças entre a sociologia de Goffman e o interaccionismo simbólico foram bem marcadas na sua resposta às críticas de Denzin e Keller (Goffman, 1981a; Denzin e Keller, 1981). Este texto apresenta a particularidade de ser o único exemplo conhecido de uma resposta pública e *ad hominem* de Goffman aos seus críticos.

(4) Utilizei a reedição de 1986, com prefácio de Bennett Berger. Ao longo deste artigo, procurei traduzir os principais conceitos propostos por Goffman, referindo sempre entre parênteses o conceito original, de modo a facilitar a remissão para o texto de partida. Para o trabalho de tradução, foi de grande utilidade a confrontação com Heinich, 1991. Entre alguns dos exemplos mais interessantes de utilização da análise de quadros na investigação sociológica, veja-se Bloland, 1982; Hickrod e Schmitt, 1982; Fine, 1983; Snow *et al.*, 1986; Heinich, 1989. Para alguns resultados preliminares da utilização desta perspectiva na investigação sobre a construção interaccional das relações familiares e domésticas, veja-se Nunes, 1992b.

## 1. Quadros, situações e experiência

O conceito de quadro (*frame*) foi sugerido a Goffman por um artigo de Gregory Bateson, publicado em 1956<sup>(5)</sup>. Um quadro é sucintamente definido por Goffman do seguinte modo:

Parto do pressuposto de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que determinam os acontecimentos — pelos menos os acontecimentos sociais — e o nosso envolvimento subjectivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir àqueles dentre estes acontecimentos básicos que sou capaz de identificar. (Goffman, 1986: 10-11).

36

Partindo da discussão, por William James e Alfred Schutz, das “realidades múltiplas” e da pluralidade das “províncias de sentido”, Goffman avança para uma crítica dos limites das abordagens desses autores, em dois sentidos fundamentais. Em primeiro lugar, através de uma atenção particular ao problema dos fundamentos estruturais da experiência das “realidades múltiplas”, reconhecidamente uma das fraquezas das abordagens de inspiração fenomenológica na sociologia; em segundo lugar, recusando a distinção entre a realidade ordinária da vida quotidiana e os demais “domínios da realidade” (*realms of being*): “o quotidiano não é um domínio especial que possa ser posto em contraste com os outros, mas apenas um outro domínio” (Goffman, 1986: 564). Esta posição, como veremos, tem implicações decisivas para o modo como Goffman analisa a experiência da vida quotidiana.

Em situações comuns da vida quotidiana, os actores sociais avaliam a realidade ou “literalidade” de diferentes *seqüências de actividade* (*strips of activity*) a partir de um conjunto de *quadros primários* (*primary frameworks*). Estes dividem-se, geralmente, em quadros primários *naturais* e quadros primários *sociais*, baseando-se essa divisão em diferentes atribuições de causalidade a fenómenos ou acções. Como observa Goffman, essas atribuições de causalidade podem variar de uma sociedade para outra, ou numa mesma sociedade, ao longo do tempo. Diferentes contextos sociais e históricos tendem, assim, a gerar diferentes reportórios de quadros primários. A crença dos Azande no mau-olhado como causa de doença permite associar esta a um quadro primário social, enquanto nas

<sup>(5)</sup> Trata-se do conhecido artigo em que Bateson descreve o modo como as lontras por ele observadas num jardim zoológico definem uma luta como “jogo”, distinguindo-a de um combate “real” através de um conjunto de procedimentos metacomunicacionais (Bateson, 1956).

sociedades ocidentais o mesmo fenómeno será, em geral, associado a um quadro natural. Do mesmo modo, nas sociedades ocidentais, a crença na intervenção divina como causa de certos fenómenos tendeu a desaparecer. Hoje, quando um fenómeno permanece inexplicado, considera-se, geralmente, que ele é explicável a partir de um quadro primário — natural ou social — existente e que, com o tempo, esta crença será confirmada. Podemos dizer, de outro modo, que um quadro primário inclui a reserva de conhecimento tomada como certa acerca da realidade e “literalidade” de um determinado tipo de actividade (Goffman, 1986: 21-39).

37

A noção de literalidade pode ser explicitada a partir do conceito de *transformação* (Goffman, 1986: 40-43). Uma transformação é um processo que toma uma actividade associada a um quadro primário como modelo, produzindo “cópias”, que podem ser de dois tipos: *modalizações* (*keyings*) e *fabricações* <sup>(6)</sup>. A actividade que serve de modelo ou de “original” para essas transformações caracteriza-se pela “literalidade”. No caso de uma actividade submetida a modalizações, os participantes nessa actividade reconhecem o seu carácter “transformado” e aderem ao seu domínio próprio de “realidade” dentro de limites estabelecidos pelo processo de transformação. Um exemplo típico é o de uma peça de teatro que põe em cena actividades que tomam como modelo actividades correntes da vida quotidiana. É possível produzir *remodalizações* (*rekeyings*) através de transformações sucessivas: um ensaio (segunda transformação) de uma peça de teatro (primeira transformação) sobre uma actividade quotidiana (actividade literal), por exemplo (Goffman, 1986: 42-82). As *fabricações*, em contrapartida, implicam que um ou mais dos participantes ignorem o carácter “fabricado” da situação em que se encontram. O “conto do vigário” ou as situações de batota ao jogo são exemplos do que Goffman designa por “exploitive fabrications”, isto é, fabricações que têm efeitos prejudiciais para os participantes que são suas vítimas. As fabricações podem também ser “benignas”, como as partidas que se pregam a um amigo, ou a festa-surpresa. A possibilidade de produzir transformações decorre das vulnerabilidades espe-

(6) O termo “key” é utilizado por Goffman por analogia com o seu uso na música, para designar o “modo” em que uma peça deve ser executada (Dó maior, por exemplo).

cíficas dos diferentes quadros primários. Contudo, elas são difíceis de manter por períodos muito longos ou quando envolvem muita gente ou espaços amplos, na medida em que os participantes tendem a procurar em torno de si *evidências confirmatórias* da realidade e da literalidade da actividade em que se encontram envolvidos (Goffman, 1986: 83-123, 156-200). Note-se, ainda, que transformações construídas sobre o modelo da actividade literal podem vir a transformar-se em modelos *para* a actividade literal: a literatura, o cinema, os programas de televisão, a publicidade ou as exposições de moda, por exemplo, podem contribuir para o “stock” de recursos culturais mobilizáveis no decorrer de actividades literais.

Cada transformação implica a adição de uma *laminação*, que remove a actividade transformada da actividade literal em que se baseia. É possível produzir um conjunto sucessivo de transformações, mesmo combinando os vários tipos, deste modo criando laminações múltiplas da realidade. Contudo, e como lembra Goffman, este processo potencia, muitas vezes, as dificuldades de cada transformação, havendo, por isso, limites práticos à multiplicação de laminações (7).

Para além das transformações, pode verificar-se desacordo entre os participantes acerca do “enquadramento” da situação, não no respeitante à sua literalidade, mas em termos do sentido a atribuir-lhe, ou da definição da sua “natureza” (Goffman, 1986: 301-344). Um caso típico de desacordos deste tipo é o dos julgamentos, em que acusação e defesa procuram “enquadrar” de modo diferente os mesmos acontecimentos. É frequente, nestes e noutros casos, que os actores envolvidos na situação tenham necessidade de negociar os quadros, de modo a produzir uma definição da situação aceitável para todos os participantes. É possível, igualmente, a ocorrência de casos de *erros de enquadramento (misframing)*, que podem dar lugar a situações embaraçosas para um ou mais dos actores em presença ou à produção do que Goffman designa por *experiência negativa*: na impossibilidade de ver confirmado o seu enquadramento inicial de uma situação, o participante fica a saber apenas o que esta *não era*, sem dispor de condições ou recursos que lhe permitam reenquadrá-la de modo adequado (Goffman, 1986: 378-438).

---

(7) As actividades reflexivas — entre as quais se inclui a investigação sociológica — constituem, nesta perspectiva, um caso particular de produção de laminações. Veja-se, a este propósito, a própria Introdução de *Frame Analysis* (Goffman, 1986: 1-20).

## 2. Análise de quadros e observação sociológica

Os participantes numa situação social, recordemo-lo, conduzem a sua participação em função de duas questões de base: a definição da situação (“O que se está a passar aqui?”) e a definição da realidade da situação (“Em que circunstâncias pensamos que o que se está a passar é real?”). O objectivo da análise de quadros é a articulação entre a análise da interacção, a experiência dos participantes e a dimensão cognitiva da participação em situações sociais. É neste plano que a “natureza” da situação e o conteúdo da interacção são articulados e tornados acessíveis à observação e descrição. Este aspecto apresenta um interesse particular para a compreensão da posição do sociólogo no trabalho de terreno e merece que nele nos demoremos um pouco, recorrendo a um outro texto de Goffman, o discurso de posse como presidente da American Sociological Association que a morte viria a impedi-lo de proferir (Goffman, 1983a).

Em situações de observação/participação, o sociólogo é obrigado a manter simultaneamente vários quadros, de modo a poder conservar a sua posição de observador sem comprometer a de participante competente na situação. Ao longo da sua obra, Goffman defendeu repetidamente a abordagem “naturalista” da ordem da interacção, na base da participação e da condição preferencial de “observador não-observado”, e a possibilidade da observação e do conhecimento preciso deste domínio em virtude da sua regularidade, padronização e previsibilidade. Negando que seja possível ou desejável reduzir toda a análise sociológica à análise da ordem da interacção, ou de esta ser sempre pertinente em relação a todos os temas de interesse sociológico, Goffman acrescenta que a interacção face-a-face não é mais “real” ou menos sujeita a constituir-se como “abstracção arbitrária” do que qualquer outro domínio da pesquisa sociológica. Esta resulta sempre do que designa por “somebody’s crudely edited summaries”. Contudo, pela sua repetitividade, pela necessidade que têm actores sociais com características heterogéneas de chegar a um “compromisso de trabalho” (*working understanding*) susceptível de viabilizar as situações da vida quotidiana, pela “ancoragem” da interacção face-a-face em sentimentos subjectivos que fornecem uma base para a empatia e, ainda, pela circunscrição no tempo e no espaço dos episódios de interacção, é possível uma observação e registo minuciosos desses episódios. Goffman, porém, não deixa de notar que diferentes

investigadores “verão” coisas diferentes nos mesmos episódios e que os fenómenos que são “elementares” para uns serão considerados como extremamente complexos por outros (Goffman, 1983a: 9).

Toda a produção da informação é uma forma de processar experiências, susceptíveis de serem reenquadradas. No caso do sociólogo, esse reenquadramento passa pela transformação da experiência do terreno e dos seus registos em conhecimento sociológico, comunicável e transmissível. Esta questão assume uma relevância particular quando o sociólogo lida com situações envolvendo a produção de “edited replays”, de relatos, narrativas ou descrições que os actores constroem sobre as suas experiências passadas ou sobre acontecimentos ou processos sobre os quais possuem um conhecimento indirecto. Esses acontecimentos ou processos e os “edited replays” que os tomam como objecto são, assim, separados por uma ou mais laminações (Goffman, 1986: 502-506).

As situações que envolvem a produção de “edited replays” caracterizam-se por actividades localizadas. O conteúdo específico dessas actividades — narrativas, descrições, comentários, julgamentos morais — deve ser analisado tendo em conta a sua associação a uma situação particular, e não simplesmente tratando-a como uma forma de informação sobre experiências, acontecimentos, processos ou crenças avaliável a partir da sua consistência interna ou da consistência com outros elementos de informação, independentemente do contexto particular da sua produção. O conteúdo desses “edited replays” é, evidentemente, importante, mas deve sempre ser posto em relação com as circunstâncias locais em que são produzidos, e exige uma análise de “segundo grau”, que o deve submeter a uma segunda abordagem que reenquadre o discurso e trate esse conteúdo como, por sua vez, a descrição/narração de uma situação.

Consideremos, agora, as questões relacionadas com a análise das situações observadas pelo sociólogo. A análise de quadros implica um conjunto de procedimentos de observação/descrição e análise das situações, baseados na especificação de dimensões identificáveis em qualquer sequência de actividade ou episódio de interacção.

Vejamos, para começar, os aspectos ligados à delimitação espacial e temporal de uma situação, à aplicação de um “quadro” determinado, e à sua estruturação interna. Para tal, Goffman recorre ao conceito de *parênteses* ou *mar-*



*cadores (brackets)*, mas num sentido diferente daquele em que a fenomenologia utiliza o termo para designar a suspensão da “atitude natural” (Goffman, 1986: 251-269). Pode-se distinguir entre os *marcadores externos*, que delimitam o episódio interaccional, e os *marcadores internos*, que o estruturam internamente (por exemplo, os actos numa peça ou o princípio e o fim da peça numa sessão de teatro). Esta delimitação temporal dos episódios está estreitamente associada às modalidades da *ancoragem* da actividade que os caracteriza, isto é, as condições que permitem “fixar” ou situar a actividade no espaço e no tempo em função de elementos que transcendem o episódio particular, fornecendo os recursos materiais, humanos e simbólicos que tornam a situação viável e identificável para os participantes. Este processo de ancoragem é uma dimensão fundamental do processo de articulação entre a ordem da interacção e os diferentes espaços ou domínios constitutivos da ordem social (Goffman, 1986: 247-300).

É importante considerar, ainda, os estatutos de participação na situação (Goffman, 1986: 223-237): quais os participantes *ratificados* e os *não ratificados* — isto é, os que são considerados como participantes legítimos e “naturais” na situação —, quais os que se encontram em “colusão” — isto é, que mantêm entre si relações de cooperação na situação que não são conhecidas dos outros participantes —, se há constituição de grupos ou “equipas” entre os participantes, conduzindo à emergência de participantes colectivos, se há estatutos sobrepostos de participação (por exemplo, marido e mulher participando num almoço, sendo ao mesmo tempo convidados individuais e membros de um casal), as modificações que se podem verificar nos estatutos de participação ao longo do desenvolvimento da situação ou do episódio, etc.

A definição dos estatutos de participação está indissociavelmente ligada à maneira como as subjectividades individuais são mobilizadas em situação. A este propósito, Goffman nota, em primeiro lugar, que existe uma relação entre as pessoas e os papéis que assumem na interacção, mas essa relação “responde” ao sistema interactivo — ou quadro — em que o papel é desempenhado. A subjectividade (*self*) é por ele definida como “uma fórmula modificável para a gestão de si próprio” durante a ocorrência de acontecimentos ou episódios, sendo o conteúdo específico dessa fórmula o resultado de um relação entre cada situação

particular e prescrições culturais sobre o tipo adequado de entidade a “incorporar” (Goffman, 1986: 573). A análise de quadros sugere, pois, que a subjectividade deve ser concebida como emergindo da relação entre a interacção e as condições estruturais e processuais — o quadro — que a organizam, e não da interacção em si mesma. Como diria o próprio Goffman, a investigação da interacção não incide sobre os homens e os seus momentos, mas sobre os momentos e os seus homens, ela não toma como objecto o indivíduo e a sua psicologia, mas “as relações sintácticas entre os actos de diferentes pessoas em presença mútua” (Goffman, 1967: 2). Essas relações só podem ser identificadas e o seu sentido reconhecido desde que o quadro a que se referem possa ser definido. Nos termos de Stuart Sigman, os indivíduos são, de facto, “produtos sociais continuados”, entidades ou “momentos” enraizados em processos e estruturas (Sigman, 1987: xii).

O envolvimento das pessoas nas situações de interacção passa, inevitavelmente, pela gestão da presença corporal e da orientação mútua através do corpo, o que exige uma atenção particular aos diferentes canais de comunicação e meios de expressão mobilizados na situação. A presença corporal, contudo, não é suficiente para caracterizar a função (ou funções, cumulativamente) que o indivíduo assume na situação. Essas funções são, segundo Goffman, quatro: *figura (figure)*, *estratega (strategist)*, *animador (animator)* e *principal (principal)* (Goffman, 1986: 516-524). Esta distinção de funções permite conceptualizar a interacção sem a definir necessariamente em termos de co-presença física, desde que as funções estejam distribuídas por diferentes pessoas<sup>(8)</sup>.

A última dimensão da análise de quadros é a que se refere às diferentes *pistas (tracks)* ou *canais (channels)* de

---

<sup>(8)</sup> A noção de “acção à distância”, proposta por sociólogos da ciência como Bruno Latour pode, assim, ser “traduzida” para a descrição das situações de interacção, abrindo novas perspectivas ao estudo dos processos de constituição, ampliação e reprodução de redes sociais e de partilha de sentido. Ela constitui, também, uma contribuição fundamental para a especificação das modalidades de articulação situacional das diferentes subjectividades sociais emergentes da experiência dos actores em contextos diversos da vida social. Essa articulação exige não só que seja identificado o contexto de referência da(s) subjectividade(s) relevantes para uma participação adequada na situação (por exemplo, membro da família, profissional, cidadão, etc.), mas também da função através da qual essa subjectividade é mobilizada na situação de interacção. Assim, por exemplo, o pai que esclarece o filho sobre um problema escolar assume funções diferentes enquanto pai, função de “estratega” associada à sua subjectividade enquanto membro de uma família, e, enquanto “explicador”, a função de “animador”, que se refere a uma subjectividade que

actividade (Goffman, 1986: 201-246). Segundo Goffman, um episódio interaccional depende da mobilização de vários canais de actividade, associando diferentes recursos expressivos, e dotados de uma visibilidade desigual no decorrer do desenrolar “normal” do episódio. Em geral, a atenção dos participantes de boa fé— isto é, dos participantes que aceitam a definição literal da situação e da actividade que nela tem lugar e se comportam em função dessa aceitação — restringe-se ao *canal principal*— que assegura a visibilidade da “main story line”, da sequência principal de actividade —, realçado por “fronteiras evidenciais” que permitem identificar o tipo de actividade que caracteriza o episódio e a natureza da situação. Paralelamente a este, existem, contudo, vários outros canais, através dos quais têm lugar actividades que são, umas, essenciais à viabilidade do episódio, outras, acessórias, mas não menos importantes, permitindo, por exemplo, excluir do desenrolar normal da sequência de actividade os elementos potencialmente perturbadores. Esses canais, a que Goffman chama *canais subordinados* (*subordinate tracks*), organizam uma boa parte dos aspectos da vida social que Garfinkel designa por “seen but unnoticed” (Garfinkel, 1967). É possível distinguir quatro tipos de canais subordinados:

— o *canal de desatenção* (*disattend track*), que sustém os acontecimentos que podem ser ignorados pelos participantes no decorrer da interacção (como coçar a cabeça, assoar-se, arranjar a roupa ou o cabelo, etc.);

— o *canal direccional* (*directional track*), que inclui o conjunto das acções indispensáveis ao desenrolar normal do episódio, mas que não são consideradas como parte da sequência principal de actividade, podendo ser excluídas dos relatos e descrições da situação sem pôr em risco a sua definição. São o equivalente da pontuação e das convenções gráficas na escrita;

— o *canal de sobreposição* (*overlay track*), que permite organizar, sem comprometer a viabilidade e a normalidade de qualquer uma delas, a sobreposição de várias sequências de actividade ocorrendo simultaneamente numa mesma situação, como, por exemplo, comer e conversar numa

---

só por “delegação” ou à distância é legítimo invocar— a do educador profissional. Neste último caso, o contexto de referência para essa subjectividade é um contexto que, na situação considerada, não é legítimo invocar nos mesmos termos em que se invoca o contexto da família. O inverso pode suceder na escola, quando o professor assume a função de “animador” da subjectividade familiar nas suas relações com os alunos.

recepção enquanto se está atento a uma entrega de prémios, ou comer, conversar e estar atento à televisão durante uma refeição rotineira;

— finalmente, o *canal de ocultação (concealment track)*, que permite, por exemplo, a dois participantes numa situação manifestarem, de modo que só eles entendam, o seu enfado, sem dar abertamente sinais desse enfado para os outros participantes. Este canal é essencial à viabilidade das colusões entre participantes e a sua existência é facilmente identificável numa diversidade de actividades de rotina da vida quotidiana.

Esta discussão dos diferentes canais de actividade permite identificar uma fraqueza da formulação original da análise de quadros, que, aliás, o próprio Goffman reconheceu: o insuficiente tratamento dos quadros primários. Não basta, de facto, que os participantes reconheçam o carácter literal ou transformado de um episódio ou sequência de actividade. É importante, também, reconhecer de que domínio de actividade se trata (vida familiar, trabalho, política, teatro, desporto, etc.) e de que actividade específica dentro desse domínio (por exemplo, que tipo de trabalho, que modalidade desportiva, que género dramático, etc.). Daí a já referida necessidade de considerar, para além da “forma” dos quadros, os “registos” pertinentes, que permitem definir a “quididade” da actividade em questão, e a tornam identificável e descritível para os participantes (Heinich, 1989: 120). Neste sentido, são pertinentes algumas críticas vindas da etnometodologia. Contudo, é importante notar que a análise de quadros torna particularmente visíveis, por sua vez, os limites da abordagem etnometodológica. Se, para a etnometodologia, importa caracterizar uma actividade de acordo com a descrição que dela faria um participante comum nessa actividade, e se a tarefa do sociólogo é a explicitação dessa caracterização (baseada na participação como membro de boa fé), essa tarefa acaba por ser redundante, na medida em que uma participação competente “de boa fé” numa actividade pressupõe que haja uma concentração consciente no canal principal e na “main story line”. Porém, a tarefa do sociólogo é a de explorar a totalidade dos canais envolvidos, incluindo os canais subordinados, através dos quais passam, precisamente, os aspectos “seen but unnoticed” das situações correntes e rotineiras da vida social. Na medida em que a atenção aos canais subordinados pode interferir com o desempenho competente da actividade correspondente ao

canal principal, o sociólogo enfrenta um dilema. Apesar de não ter abordado directamente esta questão, Goffman sugere uma saída, baseada na sua teoria da subjectividade e no conceito de transformação: tal como acontece quando um indivíduo está activamente envolvido numa “fabricação”, é possível manter simultaneamente vários quadros. É o que acontece, por exemplo, com o sociólogo nas situações de observação participante. Nestas condições, o recurso ao que Kenneth Burke designa por *perspectiva por incongruidade* (Burke, 1989) permite que, sobretudo no caso de uma actividade rotineira ou continuada, o sociólogo possa olhar e interrogar de modos diferentes essa actividade, focalizando-a a partir de perspectivas distintas baseadas no seu conhecimento de outros domínios da vida social. Assim, e contrariamente ao que poderia deduzir-se da crítica etnometodológica a este tipo de procedimento (Watson, 1989), o recurso à perspectiva por incongruidade permite viabilizar a descrição e análise sociológicas de situações e sequências de actividade sem as reduzir a uma paráfrase dos relatos e descrições dos próprios actores, mas preservando a riqueza das abordagens etnográficas.

45

Num dos seus últimos textos, Goffman defendeu que as relações entre a ordem da interacção e a ordem social se processam na base de um *vínculo fraco* (*loose coupling*) entre as duas ordens, estabelecido através de processos de transformação dos elementos próprios da ordem estrutural em elementos característicos da ordem da interacção (Goffman, 1983a: 11). É conhecido, porém, o desinteresse repetidamente afirmado por Goffman em relação à exploração e tratamento explícito dessa questão. Pensamos, contudo, que as raízes dessa tarefa se encontravam lançadas em *Frame Analysis*, e que é possível expandir a análise de quadros nessa direcção a partir da consideração das implicações de conceitos como o de quadro primário ou o de ancoragem, para além da análise de situações particulares. Essa expansão passa por encontrar modos de estabelecer a articulação entre a ordem social e a ordem da interacção respeitando o princípio segundo o qual essa articulação deve ser procurada nos elementos invocados nos próprios episódios de interacção, sem recorrer a uma mudança de procedimentos de análise ou a uma mudança na escala da análise. A análise de quadros aparece como um modo privilegiado de identificar a selecção de relevâncias próprias

### 3. Quadros, ordem da interacção e ordem social

a cada situação, e, ao mesmo tempo, de determinar as modalidades de “conversão reguladora” (Santos, 1989) da relação entre a situação e diferentes mundos ou espaços sociais. É através destas que se torna possível identificar o modo como os diferentes elementos articulados em situação são definidos pelos actores como “parciais” (Sigman, 1987) de uma ordem que transcende essa situação particular. Torna-se possível, assim, estabelecer a observabilidade/describibilidade dos aspectos geralmente associados à dimensão “macro” nos episódios de interacção, sem os encerrar na contingência da sua produção local, como tende a fazer a etnometodologia. Tal deve ser feito a partir da análise empírica, deixando em aberto a possibilidade de as diferentes versões dos elementos e dimensões constitutivos da ordem social associados a quadros teóricos distintos poderem aparecer, em diferentes situações, como recursos adequados para caracterizar a representação da ordem invocada pelos actores<sup>(9)</sup>. A análise de quadros aparece, assim, não só como um recurso precioso para a investigação sociológica das actividades rotineiras da vida quotidiana, mas também como uma perspectiva fundamental para repensar o trabalho do sociólogo e os seus instrumentos teóricos e metodológicos. ■

---

<sup>(9)</sup> Para diferentes exemplos recentes de trabalhos incidindo sobre estes aspectos, veja-se Fine, 1991, 1992; Boltanski e Thévenot, 1991; e as contribuições incluídas em Boltanski e Thévenot (orgs.), 1989; Thévenot, 1990; Santos, 1985; Chateauraynaud, 1990; Sigman, 1987.

## Referências Bibliográficas

- Bateson, Gregory 1956 "The Message: 'This Is Play'", in Bertram Schaffner (org.), *Group Processes: Transactions of the Second Conference*. New York: Josiah Macy Jr. Foundation, 145-242.
- Boland, Harland G. 1982 "Opportunities, Traps and Sanctuaries: A Frame Analysis of Learned Societies", *Urban Life*, 11, 79-105.
- Boltanski, Luc; Thévenot, Laurent 1991 *De la justification — Les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard.
- Boltanski, Luc; Thévenot, Laurent (orgs.) 1989 *Justesse et justice dans le travail*. Paris: Centre d'Etudes de l'Emploi/PUF.
- Brown, Richard Harvey 1977 *A Poetic for Sociology — Toward a Logic of Discovery for the Human Sciences*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Burke, Kenneth 1989 *On Symbols and Society*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Burns, Tom 1992 *Erving Goffman*. London: Routledge.
- Chateauraynaud, Francis 1990 *La faute professionnelle — Une sociologie des conflits de responsabilité*. Paris: A.-M. Métailié.
- Clough, Patricia Ticineto 1992 *The End(s) of Ethnography — From Realism to Social Criticism*. Newbury Park: Sage.
- Denzin, N.; C. Keller 1981 "Frame Analysis Reconsidered", *Contemporary Sociology*, 10, 52-60.
- Ditton, Jason (org.) 1980 *The View from Goffman*. London: Macmillan.
- Drew, Paul; Wootton, Anthony (orgs.) 1988 *Erving Goffman — Exploring the Interaction Order*. Cambridge: Polity Press.
- Fine, Gary Alan 1983 *Shared Fantasy — Role-Playing Games as Social Worlds*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Fine, Gary Alan 1991 "On the Macrofoundations of Microsociology: Constraint and the Exterior Reality of Structure", *Sociological Quarterly*, 32, 161-177.
- Fine, Gary Alan 1992 "Agency, Structure and Comparative Contexts: Toward a Synthetic Interactionism", *Symbolic Interaction*, 15, 87-107.
- Garfinkel, Harold 1967 *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Goffman, Erving 1959 *The Presentation of Self in Everyday Life*. Harmondsworth: Penguin.
- Goffman, Erving 1961 *Encounters: Two Studies in the Sociology of Interaction*. Indianapolis: Bobbs-Merrill.
- Goffman, Erving 1963 *Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gatherings*. New York: Free Press.

- Goffman, Erving 1967 *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New York: Doubleday Anchor.
- Goffman, Erving 1971 *Relations in Public: Microstudies of the Public Order*. New York: Harper and Row.
- Goffman, Erving 1981a "A Reply to Denzin and Keller", *Contemporary Sociology*, 10, 60-68.
- Goffman, Erving 1981b, *Forms of Talk*. Oxford: Basil Blackwell.
- Goffman, Erving 1983a "The Interaction Order", *American Sociological Review*, 48, 1-17.
- Goffman, Erving 1983b "Felicity's Condition", *American Journal of Sociology*, 89, 1-53.
- Goffman, Erving 1986 *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press [1974].
- Goffman, Erving 1988 *Les moments et leurs hommes — Textes recueillis et présentés par Yves Winkin*. Paris: Seuil/Minuit.
- Goffman, Erving 1989 "On Fieldwork", *Journal of Contemporary Ethnography*, 18, 123-132.
- Heinich, Natalie 1989 "L'art et la manière: Pour une cadre-analyse de l'expérience esthétique", in Joseph *et al.*, 110-120.
- Heinich, Natalie 1991 "Pour introduire à la cadre-analyse", *Critique*, 535, 936-953.
- Hickrod, Lucy Jen Huang; Schmitt, Raymond L. 1982 "A Naturalistic Study of Interaction and Frame — The Pet as 'Family Member'", *Urban Life*, 11, 55-77.
- Joseph, Isaac *et al.* 1989 *Le parler frais d'Erving Goffman*. Paris: Editions de Minuit
- Latour, Bruno 1987 *Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society*. Milton Keynes: Open University Press.
- Nunes, J. Arriscado 1992a "As teias que a família tece: Alguns problemas da investigação de campo em Sociologia da Família", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 34, 39-64.
- Nunes, J. Arriscado 1992b "La famille: Institution, contexte, pratiques", in *Familles et contextes sociaux — Les espaces et les temps de la Diversité*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE.
- Santos, B. S. 1985 "On Modes of Production of Law and Social Power", *International Journal of the Sociology of Law*, 13, 299-336.
- Santos, B. S. 1989 *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Afrontamento.
- Sigman, Stuart J. 1987 *A Perspective on Social Communication*. Lexington: D.C. Heath and Co.
- Snow, David A. *et al.* 1986 "Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation", *American Sociological Review*, 51, 464-481.



- Thévenot, Laurent 1990 "L'action qui convient", in Patrick Pharo e Louis Quéré (org.), *Les formes de l'action — Sémantique et sociologie*. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- Watson, Rodney 1989 "Le travail de l'incongruité", in Joseph *et al.*, 1989: 83-99.
- Williams, Robin 1988 "Understanding Goffman's Methods", in Drew e Wootton (orgs.), 1988: 64-88.
- Winkin, Yves 1988 "Erving Goffman: Portrait du sociologue en jeune homme", in Goffman, 1988: 11-92.